

LOREIUS, TRASCENDENDO OS LIMITES DA OBJETIFICAÇÃO

Thomaz Antonio Santos Abreu¹

O argumento do presente artigo é: Loreius imprime uma marca vital, em linguagem e ação, dialeticamente hirsuta em oposição à maneira por que seu senhor, Publius Ubonius, tenta coisificá-lo, porquanto o servo/escravo² engendra uma cifra anti-ideológica à luz da qual pauta ações contra a dominação, de modo que esta não logra êxito. Para oferecer uma demonstração nesse sentido, o foco da análise aqui proposta será limitado a segmentos da linha narrativa S do romance *Avalovara*³.

Inicialmente, tentemos verificar como o servo afigura-se ao senhor. Nesse sentido, pode-se ler, no fragmento S5, que: Loreius é o interlocutor ideal para Publius, porquanto aquele se encontra “(...) sempre perseguido por sonhos enigmáticos (...)”⁴; e esse ideal de interlocução não só permite que já se entreveja o valor desta para Loreius, cujos sonhos são “(...) alguns verdadeiros outros inventados para atrair a curiosidade fácil do amo (...)”⁵, pois Publius também é tragado pela interlocução com Loreius, dado que “Não raro, o comerciante esquece a esposa, os filhos e os negócios, para entreter discussões com Loreius”⁶. Dessa forma, podemos dizer que Loreius é um servo com o qual Publius se identifica, devido às habilidades discursivas, lógicas e imaginativas do escravo mediante contextos interlocutórios.

Essa interlocução não desmente a relação de poder entre senhor e escravo, ou seja, tais contextos situam-se nas assimetrias das relações de trabalho. Nesse sentido, se se

¹ Pesquisador ligado ao Grupo de Estudos Osmanianos da Universidade de Brasília.

² Utilizaremos indiscriminadamente os vocábulos “servo” e “escravo”, uma vez que ambos são intercambiáveis no romance.

³ LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

⁴ *Idem*, p. 23.

⁵ *Idem, ibidem*.

⁶ *Idem, ibidem*.

mantiver em consideração que Loreius trabalha para Publius, esse trabalho não é redutível ao aspecto material, porquanto o senhor, na medida em que entretém discussões com o servo, apropria-se do tempo livre e de trabalho deste. Dessa forma, Publius imputa uma ocupação a mais a Loreius, a qual é retida no tempo e no espaço do senhor, de modo que o escravo é levado/obrigado a exercer um sobre trabalho.

Esse domínio é, também, uma vontade de poder sobre a subjetividade do servo. Nesse sentido, para Publius, Loreius “é” um servo. Essa ligação denota um juízo de pertencimento de “Loreius” à categoria de “servo”, considerando-se a perspectiva de Publius. Nesse sentido, não só o senhor detém a administração sobre a vida material do servo, pois a promessa que Publius faz a Loreius, se este descobrir a frase significativa⁷, enceta os sonhos deste e desespera as suas vigílias⁸. Dessa forma, Publius condiciona a vida interior ou espiritual de Loreius, de modo que se efetiva, na prática do senhor, que o servo é servo, o escravo é escravo, e não pode deixar de sê-lo.

Loreius, porém, entende a investida ideologicamente orientada do seu senhor – e nega-a. Nesse sentido, lembremos que, para conquistar a liberdade, o escravo deve descobrir uma formulação que seja “frase significativa” e que (se pudermos fazer uma citação longa)

[...] possa, **indiferentemente**, ser lida de esquerda para a direita – e ao revés. Não só isto: sotopondo as palavras de que se componha, possa ser lida também na vertical, inicie-se a leitura do ângulo esquerdo superior ou do inferior direito. Em **qualquer sentido**, afinal, que se empreenda a leitura da frase, deverá esta **permanecer idêntica** a si mesma. **Quer** Publius Unbonius, **incapaz**, não obstante suas perquirições, de concentrar-se no problema, representar a mobilidade do mundo e a imobilidade do divino. A imobilidade do divino encontraria sua correspondência na imutabilidade da frase, com o seu princípio refletido no seu

⁷ *Idem, ibidem.*

⁸ *Idem, p. 24.*

fim; enquanto a mobilidade do mundo teria sua réplica nas variadas direções seguidas para a leitura da mesma expressão e também na possibilidade de criar, com as letras constantes desta frase imaginada, que Unbonius não conhece mas deve existir, **outras palavras**⁹.

Ou seja, a frase deve ser semanticamente válida e assegurar o domínio do senhor. Nesse sentido, pode-se dizer que ela enforma tanto uma dupla representação, mobilidade do mundo e, ao mesmo tempo, imobilidade do divino, quanto uma multiplicidade de sentidos ou direções de leitura, mas que estas devem pressupor um substrato frástico logicamente rigoroso, o qual pode valer como representação do substrato social, qual seja, o domínio do senhor. Dessa forma, assim como o senhor não pode deixar sua identidade de domínio, a frase não pode se furtar ao princípio de identidade, mas deve agregar diferentes orientações de leitura, de modo que se, por um lado, estas se multiplicam diferentemente em variações tais que não podem ter o condão de derruir a relação autotélica assegurada pelo substrato, Publius, por outro, não representa a mutabilidade do mundo social, o que se dissocia das mudanças de socialização do pleito de Loreius e da promessa de liberdade feita a este.

Este desejo sorrelfo de Publius, contudo, não é mais forte do que a pungência social e filosófica de Loreius. Nesse sentido, por um lado, o servo exerce o trabalho a mais, uma vez que, por exemplo, ele “Repassa, assim, em banhos, nos sonhos, só, em companhia, durante as representações teatrais ou ao longo de seus habituais passeios às vertentes suaves do vulcão, todos os palíndromos de que pode lembrar-se (...)”, mas, por outro, faz uma opção anti-ideológica, pois esta inverte a representação de dominação do senhor, o que se pode ser no fragmento S6 (se pudermos fazer uma citação longa novamente), onde o narrador revela que o escravo:

⁹ *Idem*, p. 23-24. (grifos nossos).

Escolhe a palavra TENET, não apenas por ser um verbo **indicativo de posse, de domínio**, fator de alta importância para ele, um **escravo**, como por subentender (tenet: conduz, sustém; mas quem conduz, quem sustém?) a existência de um terceiro, um agente, alguém que age, desconhecendo-se porém a sua identidade e o que faz ao certo. Também pesa em sua escolha a circunstância de que, **escrevendo a palavra duas vezes, em cruz**, de maneira que o N sirva de ponto de interseção, e **eliminando** em seguida a **sílaba** pousada – ou plantada, ou **cravada** – sobre a palavra horizontalmente escrita, evoque, a disposição das letras restantes, ampliando, o desenho do T, início e fim do vocábulo.

Esta curiosidade não teria, para Loreius, maior importância se a cruz, **a cruz em T**, não fosse o **instrumento com que se suplicam os escravos fugitivos**. No **dialeto dos seus pais**, originários de Lâmpsaco, na Frígia, **net**, **partícula que resta da palavra tenet uma vez eliminada a sílaba inicial, significa “não mais”**, com o que entrevê o imaginoso servo de Ubonius, nesse jogo com o TENET, uma espécie de **logogrifo, acessível apenas à sua compreensão de escravo**. Assim se traduz o **seu entendimento** da charada: “Loreius, caso descubra o que ambiciona o senhor, conduzirá livremente a sua existência e não mais será crucificado por tentar fugir”¹⁰.

Ou seja, para Loreius, a frase deve ser socialmente válida e negar o domínio de Publius sobre ele. Nesse sentido, é mister notar que o escravo escolhe o vocábulo “tenet”, mediante dois raciocínios pressupostos causais: 1 – na medida em que tal verbo subverte a relação de domínio entre senhor e escravo, porquanto a condicionalidade que a caracteriza é desfeita no aspecto verbal pela inclusão de um terceiro agente sugerido a partir da declinação da terceira pessoa em que aquele verbo se encontra; e 2 – na medida em que o verbo “tenet” subverte a relação de domínio entre senhor e escravo, porquanto a disposição do verbo, formando a cruz em T, configura um instrumento de poder do senhor sobre o escravo, mas, além disso, pressupõe a negação deste poder de punir, dado o significado da partícula “net”, de modo que, sintática, semântica, e pragmaticamente, o verbo em questão “nega e supera” o que sua configuração representa. Destarte, a compreensão e o entendimento conferidos ao verbo “tenet” por Loreius engendra um

¹⁰ *Idem*, p. 31. (grifos nossos).

logogrifo que é anti-ideológico, qual seja, a “superação” da sua existência de escravo mediante a ruptura tanto com o trabalho material e quanto com o sobre-trabalho espiritual impostos pelo senhor, o que, assim, torna inexequível o poder de punição deste.

Neste comenos exegético, quiçá seja interessante refletir sobre as traduções para o palíndromo de Loreius: SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS. Esta frase possui as duas significações enunciadas pelo narrador, quais sejam, “*O lavrador mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos*. E também se entende: *O Lavrador sustém cuidadosamente o mundo em sua órbita*”¹¹. Além destes entendimentos, pode-se afigurar outro, próprio à perspectiva de Loreius, uma vez que se possa aproximar a primeira significação acima ao logogrifo peculiar do escravo. Dessa forma, uma terceira tradução para o palíndromo é (arriscamos dizê-lo): o lavrador que mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos, é submetido ao trabalho e ao sobre-trabalho pelo seu senhor (que administra e conduz material e espiritualmente a vida do escravo), e não deseja submeter-se a essa dominação conduzirá, livremente, a sua existência, de modo que não mais será crucificado se tentar fugir, caso descubra o que ambiciona o seu senhor.

Chegamos, assim, ao gozo político de Loreius. Encontrada a frase, ele sente um gozo que ultrapassa o pleito por sua emancipação objetivada e se efetiva na sua emancipação subjetivada anti-ideológica. Nesse sentido, no fragmento S7, pode-se ler que o escravo decide não transmitir a Publius a solução e, assim, não se libertar: “Agora, que vir a ser livre depende de um simples gesto, de algumas palavras, um prazer superior à liberdade é adia-la”¹². Loreius, portanto, situa-se num mais gozar, ou seja, num gozo a mais que não é resultado da sua emancipação objetiva, mas um gozo relacionado ao investimento erótico no fato de que esta emancipação não esteja mais no poder de

¹¹ *Idem*, p. 32.

¹² *Idem*, p. 41.

deliberação do seu senhor, de modo que o escravo inverte a relação do poder decisório sobre a sua própria existência, o qual, assim, passa a estar em suas mãos. Essa inversão resulta em outra liberdade, qual seja, certa emancipação subjetivada de Loreius, pois “(...) no seu íntimo, já não se considera nem sente escravo”¹³. Dessa forma, Loreius sente prazer por ter o poder decisório sobre a sua emancipação objetiva e inicia uma mudança de *habitus* relacionado à sua emancipação subjetiva no contexto de dominação objetiva.

Essa última forma de emancipação não é, porém, da ordem do ensimesmamento do *cogito* cartesiano, pois a vida espiritual de Loreius desvencilha-se da dominação de Publius não somente na intimidade do escravo, mas, especialmente, na maneira pela qual este passa a interagir contra o seu senhor. Nesse sentido, um diálogo entre Loreius e Publius mostra como aquele não submete sua interioridade a este, reagindo contra o senhor: “- Trate-me como a um homem livre. Na verdade, eu já não sou seu escravo. Descobri as palavras./ – Então diga-as./ – Não. Só as revelarei quando bem me aprouver”¹⁴. Ao encadear-se nessa autoafirmação, Loreius provoca uma inversão dos papéis entre senhor e escravo, pois, se, antes, Publius encetava um sobre-trabalho espiritual em Loreius, agora, é Loreius quem enceta um sobre-trabalho espiritual sobre Publius, de modo que este, antes senhor, torna-se escravo espiritual do seu talvez não mais escravo objetivo. Assim,

Sua – de Publius – propensão a refletir indefinidamente acerca de um assunto, não importando qual, leva-o a emaranhar-se em prognósticos, hipóteses, cálculos, suspeitas, precauções, conjeturas, subconjeturas e irradiações de todos esses atos intelectuais, multiplicando-os de tal modo e com tanta constância, que vem a tornar-se, em espírito, escravo do seu escravo¹⁵.

¹³ *Idem, ibidem.*

¹⁴ *Idem, ibidem.*

¹⁵ *Idem, p 41-42.*

Todas essas considerações levam-nos a pensar nos motivos psicossociais do suicídio de Loreius. Nesse sentido, pensamos que ele não se mata devido à vaidade, ou porque a cortesã Tyche (para quem Loreius revela o palíndromo da liberdade, transmite essa frase ao homem que ela ama, o vinhateiro, o qual a vende a Publius), tampouco por haver Loreius, assim, perdido a única oportunidade de ser livre. Loreius encontra-se no âmbito de dois tipos de dominação, uma objetiva, e outra subjetiva, ou seja, respectivamente, Publius detém o poder de administrar e punir unilateralmente Loreius, e o senhor também condiciona a vida íntima do escravo, mas esses âmbitos correspondem a duas emancipações, quais sejam, a objetiva, prometida a Loreius por Publius, e a subjetiva, que se dá no contexto de dominação objetiva na qual Loreius, embora como escravo, condiciona a vida espiritual de Publius. Dessa forma, a emancipação subjetivada de Loreius inverte a dominação objetivada que Publius exerce sobre ele, na medida em que Loreius passa a administrar e punir Publius espiritualmente, o que torna claro o fato de o escravo ser e não ser escravo, ou seja, Loreius é um escravo que reage e pode agir como homem livre.

Nesse sentido, esclarece-se o suicídio do escravo. Independentemente das gizadas de Publius sobre Loreius, este consegue inverter o sobre-trabalho antes carregado sobre ele mesmo por Publius, não apenas no sentido de o escravo passar a condicionar a vida íntima do senhor, mas, sobretudo, no sentido de deter o poder de intensificar o trabalho espiritual que ele imputa sobre Publius. Dessa forma, é justamente esse gozo político – no qual Loreius devolve a Publius o encargo do sobre-trabalho e conquista o tempo sem mais-valia necessária, retendo a administração da vida espiritual de Publius bem como o poder de punição sobre esta como estratégia subjetiva de concentrar em si a decisão sobre suas próprias condições de trabalho e existência – que não mais poderá ser escrutado nem burilado por Loreius, uma vez que o palíndromo se torna de conhecimento de Publius.

Eis que, destarte, Loreius mata-se, porquanto não pode mais gozar da inversão dialética da relação de dominação entre ele e Publius, como se a partícula “net”, grande superadora anti-ideológica das relações de poder representadas pela cruz em T, perdesse sua representação.

Para concluir, cabe indagar: qual é o legado de Loreius na obra? E o que dizer do nosso autor, Osman Lins, que inocula, na lógica da sua criação, um personagem nodal e emblemático de luta contra a opressão? Ora, se, para Publius, vale a mobilidade do mundo, a imutabilidade do divino, mas as relações sociais não são sequer objeto de representação para Publius (o que fica tacitamente expresso, o não-dito do senhor, parte da ideologia deste cujo horizonte é tornar assentes as relações sociais como dadas), é, precisamente, a mudança das relações sociais tidas como dadas, inclusas as relações de dominação que Loreius subverte, inversão anti-ideológica esta que perpassa não apenas os ideais de luta contra a opressão em todas as linhas narrativas do romance *Avalovara* como também a espécie de limbo da nossa contemporaneidade política, social e (não mais ou ainda não) democrática.